

MAIS DE 11 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

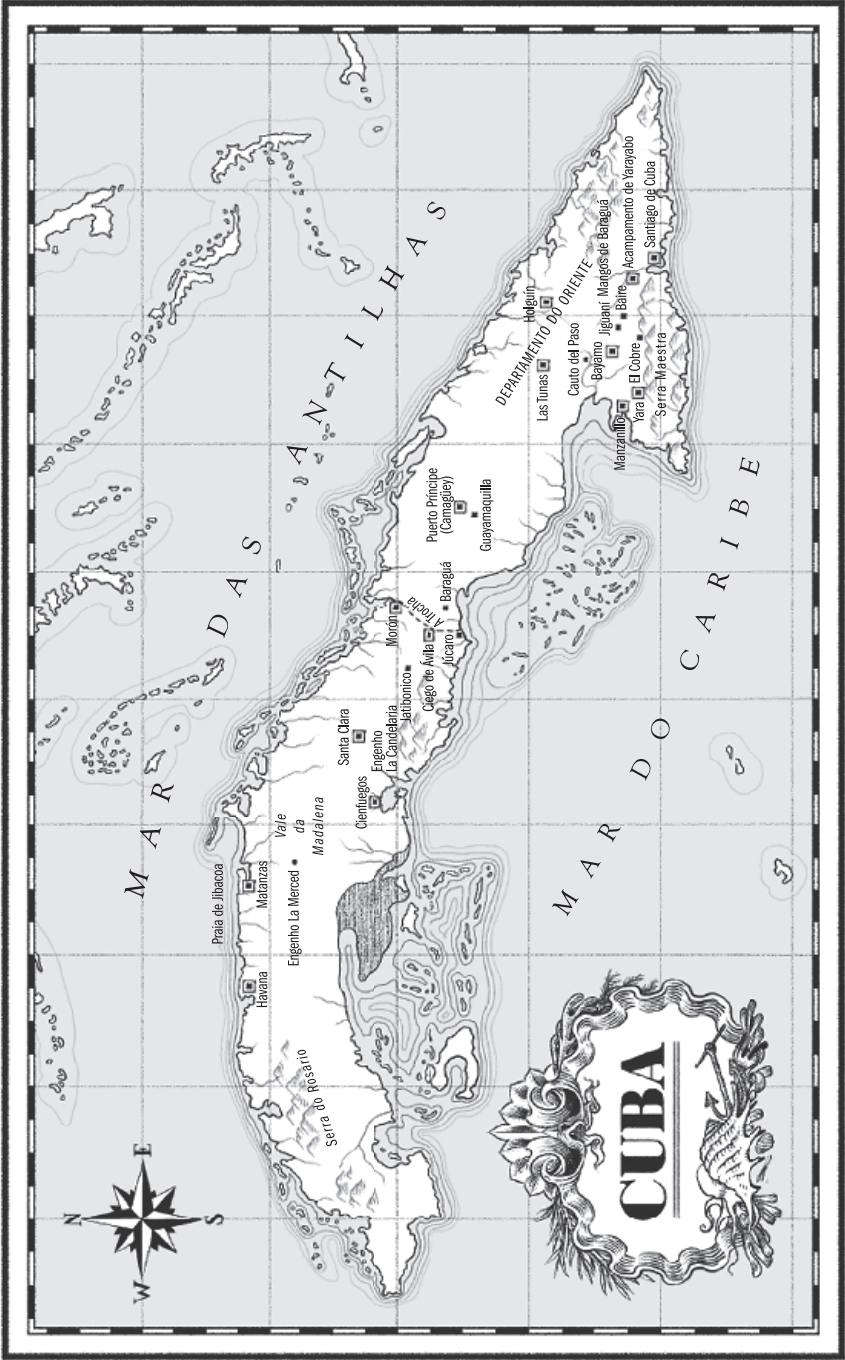
ILDEFONSO  
FALCONES

ES CRAVA  
DA  
LIBERDADE



SUMA  
de letras

*Em memória do meu querido irmão Rafael*



# 1

*Cuba, 1856*  
*Praia de Jibacoa*

Sobre a areia amontoava-se uma multidão composta por centenas de miseráveis. Os soluços, os lamentos e os gemidos embatiam contra as ordens dos capatazes e o estalar dos chicotes. Havia ali setecentas jovens e meninas de origem africana, de pele negra e de cor de chocolate; nuas a maioria delas, esfarrapadas outras, todas desnutridas, fracas, muitas doentes. Choravam desde o início do seu infortúnio, em África, depois de serem capturadas em alguma das muitas guerras tribais. Choraram ao longo da sua peregrinação em direção à costa do Benim, unidas em longas filas por correntes com argolas no pescoço e nas mãos. Depois chegara uma espera incerta, encarceradas em feitorias junto ao mar, para, ao fim de algum tempo, depois de as agruparem num contingente de fêmeas jovens entre as quais se enfiavam umas dezenas de crianças, enfrentarem a terrível travessia apinhadas no porão de um veleiro rápido, um *clipper*, que em menos de três meses as desembarcou na ilha caribenha.

Mais de uma centena das consignadas faleceram no trajeto e quase todas as sobreviventes se viram na situação de terem de conviver com a sua agonia, sem terem meios para as ajudar e sem palavras para lhes dar esperança, todas deitadas sobre as suas próprias fezes. Julgaram esgotar as lágrimas ao dormirem junto dos seus corpos frios enquanto esperavam que o médico ou algum marinheiro se apercebesse da sua morte, pegasse no cadáver e o atirasse ao mar para alimento de tubarões.

Porém, Kaweka, de onze anos, esforçava-se por tapar o corpo de Daye, a sua irmã mais nova, quando se abria a escotilha, a luz feria o ambiente pútrido do porão e descia algum tripulante. Tinha prometido cuidar dela. Deu a sua palavra quando as capturaram e consolara-a dia após dia,

reprimindo as suas próprias lágrimas, a sua imensa angústia sempre que a irmã suplicava pela mãe e se afundava na dor. A pequena foi-se durante a travessia, nos seus braços; falou com ela, embalou-a, cantou-lhe ao ouvido, com doçura, esquecendo as correntes que as prendiam, animou-a com paraísos que sabia impossíveis, mas a menina apagou-se passados uns dias e deixou de responder, de soluçar e de respirar... Ou talvez não. Talvez não estivesse morta, apenas quieta, e respirasse devagarinho, como era habitual nela. Kaweka não sabia. E se dormisse apenas? Os deuses eram caprichosos, isso asseguravam a sua mãe e o seu avô. Daye podia acordar a qualquer momento. Algumas vezes acontecia; tinham-lhe contado isso também a sua mãe e o seu avô, mas nenhum dos dois estava ali para a curar, como faziam com outras crianças da aldeia. Por isso, tapou-a com o seu corpo e tentou escondê-la até que umas raparigas mais velhas, mais à frente na fila onde ela e a irmã se encontravam acorrentadas, a denunciaram dois dias depois de esperar em vão pelo milagre.

— Está morta! — gritaram os marinheiros enquanto se debatiam com Kaweka para libertar o cadáver.

A menina não entendia a língua, embora soubesse o que diziam, e, apesar da sua fraqueza, lutou para impedir que a levassem. O que seria do espírito da irmã se acabasse devorada por um desses monstros marinhos de que falavam?

Depois, sem a presença da pequena, o seu corpo profanado, o barco a enfrentar as ondas com ferocidade, todo cruel, violento, como se proclamasse a desventura daquelas centenas de jovens, quando Kaweka não tinha de fingir esperança nem integridade perante a irmã mais nova, entregou-se a um pranto desesperado que a acompanhou o resto da travessia.

— Permaneçam quietas e em silêncio! Silêncio!

As boçais, como se chamava aos escravos recém-chegados de África, não entendiam as ordens repetidas aos gritos ao longo da praia assim que ali puseram os pés depois de serem transportadas em barças a partir do *clipper*. Mas souberam, tal como Kaweka quando os marinheiros desceram e levaram o cadáver da irmã, o que queriam os traficantes, cerca de vinte homens transpirados, a maioria barbudos, rudes, armados com catanas ou pistolas, e foram-se amontoando no centro do círculo que aqueles

delimitavam a chicotadas, aticando-lhes os cães que alguns seguravam com força. Muitas das meninas pretenderam deixar para trás o fedor e os eflúvios pestilentos do porão do *clipper* e aproveitar para respirar o ar limpo e fresco de uma noite plácida e estrelada de finais de inverno, coroada por uma lua que iluminava a ignomínia de forma tão esplendorosa como dilacerante. Porém, a nova corrente com que lhes prenderam o pescoço impediu-as desses escassos instantes de sossego.

— Levanta-te! — ordenou um negreiro a uma miúda da idade de Daye, esquálida, que se abatera sobre a areia antes de a acorrentarem de novo.

A criatura não o fez. O homem aguilhou-a com a ponta de uma das suas botas. Ela continuou prostrada; o branco de um dos seus olhos, que tinham ficado grandes no seu rosto abatido, a suplicar. O homem agarrou-a pelo cabelo, ergueu-a como a um boneco, castigou-a sacudindo-a no ar, prendeu-a e, quando a ia deixar cair de novo na areia, Kaweka apanhou-a.

Não era a sua irmã.

«Silêncio!», exigiam os negreiros perante os choros, os queixumes e um recital de tosses incontrolláveis. Os cães conheciam o seu trabalho, rosnavam sem ladrar, numa penumbra onde não se vislumbrava outra coisa que não fossem as sombras com que a lua brincava. Os negreiros tentavam agir com sigilo. Há quase quarenta anos que o tráfico de escravos era proibido, e a Armada Britânica, que se tinha erguido como o garante dessa abolição num tratado assinado com Espanha, vigiava mares e costas para deter os traficantes que continuavam a comerciar com a vida humana. Mas se a Grã-Bretanha abolira a escravatura, Espanha ainda não o fizera nas suas províncias do ultramar. O comércio de homens e de mulheres era proibido, mas não a sua propriedade, e os escravos continuavam a chegar de forma clandestina à ilha de Cuba, uma das últimas possessões coloniais do que fora o vasto Império Espanhol, ao abrigo de umas autoridades corruptas e da ambição desmedida dos produtores de açúcar.

Talvez aquelas meninas a quem agora voltavam a acorrentar não entendessem a língua que falavam os seus captores, mas estavam conscientes do seu destino. Eram iorubas, naturais da Guiné, e a escravatura não era alheia à sua forma de vida em África. Grande parte da população trabalhadora dos diversos reinos do continente era serva. Os escravos constituíam a principal fonte de riqueza dos privilegiados, os chefes tribais possuíam-nos

aos milhares, e, se bem que o comércio com os países ocidentais tivesse diminuído significativamente devido à proibição do tráfico, continuava a ser muito profícuo com o Oriente — Egito e o resto do mundo árabe —, tal como tinha sido até então na sua vertente atlântica. Todas sabiam de sacrifícios humanos; todas conheciam o significado das argolas à volta do pescoço.

Estalou um chicote.

A primeira correnteza de meninas iniciou a marcha. Um dos capatazes permitiu-se um grito: «Andem, pretas!» A noite estava tranquila, não havia rasto dos britânicos, e a comitiva penetrava na ilha, onde se encontraria a salvo. As miúdas arrastaram os pés, cabisbaixas. Kaweka ia atrás daquela menina pequena que não era sua irmã, e perguntou-se se Daye também teria desfalecido. Recordava-a tão frágil como esta; a imagem escura de uma menina enfermiça e triste agarrada à sua lembrança. As correntes pareciam ter-lhe oprimido também a memória, levando-a a esquecer a alegria e os risos, as correrias, as brincadeiras e os trabalhos do campo que tinham partilhado; uns momentos que ela própria afastara da sua mente porque recordá-los magoava-a. Ninguém sabia para onde as levavam, embora fossem muitas as que se torturavam com todo o tipo de especulações aterradoras. Referiam que os velhos, os homens, contavam nas aldeias que os negros que capturavam eram levados para além de um mar que a maioria delas nem sequer tinha visto até chegarem à feitoria da costa. O barco, a sobrelocação, o fedor e a morte primeiro, e agora os chicotes, os cães, as coleiras ao pescoço, os homens mal-encarados, tudo isso as impedia de esboçar um simples sorriso.

Para trás ficaram a praia e o *clipper* ancorado, um tipo de navio que se tornara famoso no tráfico de chineses, os *coolies*, e que acabou por ser utilizado no contrabando transatlântico de africanos. Aquele barco, o que se tinha desembaraçado da sua carga infame na praia de Jibacoa, navegava sob bandeira norte-americana, como faziam mais de noventa por cento dos navios destinados ao tráfico humano em todo o mundo. Os norte-americanos não haviam assinado qualquer tratado com os britânicos, pelo que estes não os podiam deter nem inspecionar a sua frota. Sob tais circunstâncias, monopolizaram um contrabando cujo destino principal era Cuba ou os Estados Unidos, além de outros países, como o Brasil ou Porto

Rico, que, embora tivessem condenado o tráfico, continuavam a aceitar a escravatura. Faziam-no a bordo desses barcos de velocidade extraordinária, ágeis, fáceis de manobrar, capazes de enganar e de escapar a qualquer navio. Os *clippers* eram veleiros estreitos e longos, de proa afilada, e podiam dispor de setenta velas diferentes. Porém, essa rapidez tinha um custo: a sua capacidade de carga era menor do que a de que dispunham os navios negreiros clássicos, uma redução que alguns traficantes resolveram atuando os porões de meninas e mulheres jovens.

Quando a praia se perdeu de vista, com as escravas a desfilarem nuas e descalças por caminhos que as conduziam ao interior da jurisdição de Matanzas, os negreiros relaxaram. Os cães ladraram. Os homens permitiram-se conversar, numa vozeria, de mulheres, de jogos, de álcool... Riram, insultaram-se, desafiaram-se e fizeram apostas. Fizeram-no alheios à desgraça das crianças que caminhavam entre eles, como se não existissem, a não ser que alguma delas se atrasasse ou caísse.

A menina pequena nem sequer tropeçou: os joelhos cederam e caiu à frente de Kaweka, tal como teria acontecido com a sua irmã se não tivesse falecido no mar. A fila de raparigas parou e um dos negreiros dirigiu-se até elas murmurando impropérios com a catana na mão. Kaweka viu-o aproximar-se, ameaçador, gritou e interpôs-se entre a pequena e o homem.

O negreiro surpreendeu-se, bufou como se a paciência se lhe tivesse esgotado e agitou a catana à frente de Kaweka, instigando-a a afastar-se. Mas ela não obedeceu. A sua irmã Daye encarnara naquela menina indefesa de respiração ofegante e angustiada, porque também elas procuravam o ar de forma frenética quando, no seu êxodo em direção à costa do Benim, um negreiro parecido com aquele, com uma catana na mão, arrancara à catanada a cabeça de um preso, que caíra em frente de ambas. Kaweka agachou-se e protegeu o corpo da pequena. Temia que aquele homem fizesse o mesmo. Tinham-no presenciado com alguma frequência em África. Era o método que os negreiros utilizavam para afastar rapidamente daquela linha macabra os que morriam ou já não respondiam ao castigo; nem sequer se davam ao trabalho de abrir a coleira.

— Continua, continua — sussurrou ao ouvido da menina, abanando-a com delicadeza.



Dissera o mesmo à sua irmã quando a tremura ameaçara impedi-la de andar. «Não olhes para ele», ordenara-lhe ao ver que Daye contemplava enfeitiçada aquela cabeça separada do tronco, enquanto o resto dos presos se afastava.

O negreiro tentou afastá-la com a lâmina da catana.

— Sai daí.

Kaweka manteve-se firme. O outro baixou-se e deu-lhe uma tremenda bofetada com a mão livre. Kaweka saiu disparada. A corrente impediu-a de ir mais longe.

— Puta preta!

O homem ia dar-lhe um pontapé quando um grito o deteve:

— Nem te atrevas! — Outro negreiro aproximara-se, autoritário.  
— Queres estragá-la? Estás disposto a pagar o seu preço?

O homem da catana desistiu a resmungar e cuspiu sobre Kaweka.

— Levanta-te — instou-a o recém-chegado, acompanhando a ordem com um movimento de mão.

Já em pé, o homem ordenou-lhes por sinais, a ela e à que a precedia, que carregassem a pequena.

Não lhe cortaram o pescoço. Também não as açoitaram para que andassem. As jovens valiam muito dinheiro, talvez não tanto como um escravo forte e saudável, mas o suficiente para não danificar uma mercadoria cada vez mais procurada pelos *sacarocratas*<sup>1</sup> e pelos ricos fazendeiros agrícolas. Porque os critérios de todos aqueles que sustentavam a sua fortuna na exploração desumana de homens e mulheres tinham mudado. Até há pouco tempo, os engenhos dispunham de uma mão de obra composta quase exclusivamente por homens subjugados a um regime carcerário e um trabalho frenético; ninguém estava interessado nem nas mulheres nem nos filhos que pudessem dar à luz, e muito menos ainda nos conflitos que o desejo e a lascívia originavam entre os escravos. Até então tinha sido muito mais caro produzir um crioulinho do que comprar no mercado um escravo útil, mas a proibição do tráfico, a abolição da escravatura na maior parte dos países ocidentais e a perseguição britânica aumentaram significativamente

---

<sup>1</sup> O termo «sacarocrata» não é admitido pelo dicionário da Real Academia Espanhola, mas surgiu para fazer referência aos abastados proprietários de engenhos em Cuba.

os preços dos boçais roubados em África. Assim sendo, os proprietários dos mais de mil engenhos de açúcar e das centenas de cafezais que existiam na ilha foram adquirindo mulheres que se destinavam ao trabalho, com as mesmas condições de dureza que os homens, e a quem se exigia, além disso, que parissem novos escravos, como se se tratasse de criação de gado.

Meninas como Kaweka, ou inclusivamente essa criança mais nova que não era sua irmã, ainda que fraca, valiam muito dinheiro.

O amanhecer acordou as jovens aglomeradas no pátio de terra de um engenho perdido no interior dos campos de Matanzas, onde os negreiros as tinham escondido. Aquele espaço e os barracões construídos em madeira que o rodeavam até o encerrar eram demasiado grandes, desproporcionados numa exploração cujas instalações e maquinaria eram de tamanho reduzido e obsoletas; porém, apesar da amplitude do lugar, as escravas tinham-se amontoado numa das suas esquinas: algumas estavam sentadas na terra, outras deitadas e algumas estavam já em pé com a chegada da alvorada, mas todas mantinham o contacto físico com as suas companheiras, procurando conforto mútuo.

O certo era que aquele engenho de tração animal não era senão a fachada de uma feitoria dedicada ao contrabando de escravos. «San Nicolás», podia ler-se no arco de madeira que dava acesso a essa prisão.

— Leva-as a beber água!

O grito vinha do homem que impedira o pontapé a Kaweka na noite anterior; estava apoiado indolentemente contra a parede de um dos edifícios, com o chicote enrolado e pendurado no cinto. Nesse instante, vários meninos com não mais de sete ou oito anos, crioulos, escravos também, correram na direção de onde as jovens se apinhavam.

— Venham — convidaram-nas, agarrando-lhes nas mãos e puxando por elas.

As que formavam as primeiras filas daquele amontoado humano hesitaram e resistiram até que um dos crioulos apontou para outro que, junto à beira de um poço, as chamou a sorrir enquanto vertia na terra o conteúdo do balde que acabara de içar. O som da água a correr foi o suficiente para despertar nelas a sede que não tinham saciado desde a última ração que lhes forneceram no porão do *clipper*.

— Em fila! — gritou o negreiro quando viu como as meninas se moviam. — Com ordem!

«Em fila», indicaram-lhes os crioulos, empurrando uma para trás da outra.

Entenderam. E obedeceram. Tal como fizeram depois, quando, após beberem das tigelas que lhes proporcionaram, as mantiveram em filas de aproximadamente cinquenta no pátio; catorze filas de criaturas debilitadas, sujas e esfarrapadas, muitas totalmente nuas.

Kaweka obrigou a pequenina a beber. Não sabia o seu nome nem tinha conseguido arrancar-lhe uma única palavra. Puxava por ela de um lado para o outro e a criança deixava-se ir, em silêncio, sem chorar nem se queixar, alienada.

— O que achas, Florencio? — perguntou outro dos negreiros que acabara de se juntar ao que se apoiava na parede.

— Não me parecem mal — respondeu este, estalando a língua. — Vi boçais em piores condições e escaparam. Daqui a duas semanas, três no máximo, cuidadas e bem alimentadas, teremos uma mercadoria excelente. Nestas idades a natureza responde com rapidez. Deem-lhes roupa e levem-nas ao regato, de fila em fila, para se lavarem. Nem quero pensar na merda e nos bichos que devem ter em cima.

— Que roupa lhes damos, chefe? — perguntou a Florencio um terceiro.

— Com este tempo bastará um vestido... e talvez uma manta — acrescentou depois de pensar uns instantes —, não vá o relento da noite constipá-las e danificá-las. Já sabem que os pretos sofrem com o frio e com a humidade. Os seus novos amos que lhes deem o resto da roupa. Vão! — ordenou.

Os dois homens encaminharam-se na direção das filas de escravas que permaneciam quietas no pátio, mas ainda não tinham dado um par de passos quando a voz do chefe os fez virarem-se:

— Se alguém tocar numa dessas pretas, cap-o!

Os meninos crioulos e alguns negreiros acompanharam-nas a um regato que corria fora das instalações do engenho. Kaweka empurrou a pequena, à frente dela na fila de cinquenta, quando chegou a vez delas. Cruzaram-se com as que regressavam, todas nuas e molhadas. Na margem, as que ainda vestiam algum andrajo tiraram-no. Kaweka reconheceu

a lascívia nos olhos dos negreiros que as vigiavam enquanto os crioulinhos riam de modo palerma, e, tal como as outras, utilizou a areia da ribeira para se esfregar e para se livrar das crostas de sujidade. Depois esfregou a pequena e meteram-se na corrente. Por um fugaz instante, fechou os olhos e a frescura da água transportou-a para a sua terra.

Os corpos negros de cinquenta jovens ainda esqueléticas, muitas já na puberdade, os peitos a desabrochar, algumas com os seios já desenvolvidos, acabaram a brilhar ao sol caribenho enquanto a água reluzia sobre as suas peles. Os homens dirigiam a sua atenção de uma para outra sem descanso; apontavam como se pretendessem reclamá-las. Não lhes tocaram, embora um deles tivesse baixado as calças e se masturbado enquanto outro o encorajava e aplaudia. Elas conheciam a natureza masculina e aceitavam as relações sexuais que homens ou animais mantinham; a surpresa foi a cor branca do corpo do guarda.

As ordens dos negreiros traziam as jovens de volta à realidade, e, à medida que regressavam ao engenho, asseadas, entregava-se-lhes uma túnica mal-alinhavada e áspera de cânhamo e eram encaminhadas para um dos extremos do pátio, onde se localizava o barracão no qual estava instalado o fogão. Vários homens tiraram uma panela grande cheia de *funche*, uma massa espessa elaborada à base de farinha de milho e banana, assim como bandejas com bacalhau salgado, que, com grande estrondo, colocaram sobre uma mesa que se encontrava posta fora, no pátio.

Os crioulos entregaram tigelas amolgadas às escravas e incitaram-nas a aproximarem-se da mesa. Quando desfilavam de novo em direção ao centro do pátio depois de lhes encherem os recipientes de comida, Florencio Ribas, o chefe dos negreiros, detinha-as para que outro homem, velho, de barba rala, vestido de branco, com nódoas na camisa e com um chapéu da mesma cor, todo ele de aspeto desmazelado, as examinasse.

«Esta sim», «esta está saudável», «esta aqui também», dizia o homem por entre a gritaria dos crioulos a ordenarem as filas e a dos negreiros a distribuírem a comida. «Esta não, que tem esta ferida na perna ulcerada.» E essa, a da úlcera, era afastada da fila e conduzida a um barracão onde era recebida por uma escrava velha, enquanto o resto das suas colegas se espalhavam ao longo do pátio iluminado por um sol insultante, à procura de um espaço para se refugiarem e esconderem com as suas tigelas.

— Próxima — chamava o doutor Vásquez, mostrando o seu fastio através dos gestos cansados da mão com que chamava as escravas, sem voltar a olhar para a longa fila de meninas que esperavam, a maioria delas introduzindo com avidez os dedos nas tigelas para levarem à boca a massa com bacalhau.

Kaweka empurrou a menina, que mantinha a sua malga intacta, torta nas mãos, prestes a cair ao chão. Florencio e o médico franziram o sobrolho quando parou em frente deles.

— Nostalgia? — inquiriu o negreiro.

Vásquez não respondeu até terminar de examinar o corpo esquelético da pequena, que, além disso, apresentava a língua manchada, o branco dos olhos amarelado e alguns edemas.

— Todas sofrem de saudades — respondeu por fim. — Quem nunca? — acrescentou pensativo, ponderando se aquela rapariga que permanecia em frente dele, abatida, triste, devia receber um tratamento especial.

Hesitou. Era frequente entre os boçais o mal da nostalgia, ou banzo<sup>2</sup>, o vício de comer terra, como se chamava em Cuba, mas nem todos podiam ser encaminhados para a enfermaria; não dispunham de instalações suficientes e muito menos de pessoal, limitado à enfermeira idosa e a uns dois negreiros que eram obrigados a ajudar. Além disso, isso aumentava as despesas devido aos cuidados especiais de que os doentes de banzo necessitavam: carne, vinho, licores, açúcar... Vásquez sentiu a pressão do olhar do negreiro chefe. Passou o olhar pelo pátio. Desordem. Centenas de escravas entre as quais se moviam os negreiros, cujas cabeças sobressaíam acima das jovens. Ainda tinha muitas para inspecionar; necessitaria de espaço na enfermaria. Examinou de novo os edemas do corpo da escrava e sentenciou:

— Saudável.

Florencio respirou ruidosamente no preciso momento em que o estalar dos chicotes se fez ouvir. Muitas das escravas deixaram de comer e ergueram o olhar mostrando o primeiro vestígio de interesse desde a sua chegada.

<sup>2</sup> «Banzo» é o nome dado à nostalgia profunda sentida por muitos escravos negros africanos levados para longe da sua terra, que frequentemente conduziu a depressões ou mesmo ao suicídio. (*N. da T.*)

De um dos barracões, precedidos por capitães do mato, começaram a sair homens de mãos e pés acorrentados que caminhavam com dificuldade em direção à mesa da comida, de onde afastaram de forma precipitada as meninas que faziam fila.

Florencio Ribas aproximou a mão da pistola apoiada no cinto e ergueu o olhar para o teto dos barracões: quatro dos seus capangas tinham-se posicionado entre eles com os fuzis preparados.

Mais de cinquenta homens, alguns em tronco nu, exibindo cicatrizes que atravessavam as costas de cima a baixo, percorreram o espaço que se abria entre os edifícios e a mesa com o olhar fixo nas setecentas meninas distribuídas ao longo do pátio.

— Não olhem para elas! Não quero ouvir nem um pio! — gritou um dos negreiros que vigiavam os homens perante a luxúria que destilavam até no seu andar.

Ao contrário do que sucedera com as raparigas, o chicote que nesta ocasião acompanhara a ordem estalara na barriga da perna de um deles, fazendo correr um fio de sangue pela sua perna. Os homens obedeceram, mas os seus carcereiros continuaram a açoitá-los, com o estalar dos chicotes a troar no lugar e os acorrentados a encolherem-se para evitar o castigo.

— Começa a ter demasiados quilombolas — comentou o doutor Vásquez, dirigindo-se ao chefe dos negreiros.

— Sim — reconheceu Florencio. — Tinha pensado entregar já estes fugitivos às autoridades, mas a chegada das novas negras impediu-me. Não podia acompanhar estes fugitivos e arriscar ficar sem homens.

O médico mal olhou para Florencio Ribas. «Entregá-los às autoridades?», pensou, sorrindo com sarcasmo. A importância da recompensa por devolver aqueles escravos fugitivos aos seus legítimos donos era uma insignificância comparando com os benefícios que Ribas podia obter se não o fizesse. O doutor sabia que os quilombolas eram vendidos ao dono de qualquer engenho de açúcar a quem tivesse morrido um escravo, e eram muitos os que morriam. Assim que falecia algum, o dono enterrava-o sem anotar nos seus livros com a conivência do sacerdote de serviço; os documentos do escravo morto serviam para o quilombola que compraria a Ribas ou a qualquer outro dos muitos grupos de capitães do mato que se dedicavam à caça de escravos fugitivos ao longo da ilha. Isso quando realmente eram

quilombolas, negros fugidos, e não simples escravos roubados diretamente das suas plantações.

Enquanto não os vendia, Ribas alugava-os; os seus chefes, os que investiam no contrabando, exigiam benefícios. Esse tipo de exploração era mais frequente nas cidades, mas também ocorria no campo, de modo que eram bastantes os engenhos que alugavam escravos para todo o período de safra. Vásquez tratara nessas açucareiras muitos dos escravos que antes conhecera em San Nicolás. Algo parecido sucederia com as recém-chegadas que não fossem compradas depois de recuperarem fisicamente. Seriam alimentadas para que ganhassem peso e força, fossem tratadas de doenças e feridas, e vacinadas contra a varíola, um requisito sem o qual não se costumava vender nenhum escravo e que qualquer comprador controlava sem dificuldade, por muito inexperiente que fosse, graças à marca indelével que ficava no braço. Uma vez vacinadas, acederiam ao mercado como estando aptas física e mentalmente, o que implicava que o negreiro não respondia pelos restantes vícios ou defeitos da mercadoria recém-chegada de África.

A grande maioria dos homens livres não eram vacinados, mas os escravos sim. «Quando morre um escravo, perece um capital», recordou Vásquez o que defendiam os fazendeiros. E ali acumulava-se uma fortuna, concluiu, passando o olhar pelas centenas de pequenas que se apinhavam no pátio do engenho San Nicolás, enquanto ordenava com indolência a Kaweka e à pequena que circulassem para o pátio.

Tinha decorrido quase uma semana desde a chegada das escravas e Kaweka já sabia o nome da menina, Awala, a quem amparou quando, ao fim de três dias, saiu do seu estado de choque e chorou todas as lágrimas que a comoção sofrida, a sua fraqueza e a sua tremenda dor tinham retido. Pertencia à tribo dos Ashanti, que, como a de Kaweka, era da família Kwa. As suas histórias eram similares. Uma incursão repentina. Gritos. Disparos. Correrias. E depois, o cativeiro. Awala não sabia nada da sua família, tal como não sabia Kaweka, cuja última visão da sua mãe foi a proteger o mais novo dos irmãos, encolhida no chão, tapando-o com o seu corpo e os seus braços, formando uma crisálida em seu redor. Seguiu-se o caos e o desconcerto e os mortos. Depois disso, a ignorância e a dor da ausência.

As jovens cativas esperavam pela comida quando três homens a cavalo irromperam no pátio do engenho, dois deles armados com espingardas e um escravo a pé.

Não era a primeira visita que recebiam. Vários homens brancos tinham vindo vê-las e passearam entre elas fazendo comentários e pedindo que lhes mostrassem uma ou outra, que inspecionavam com detalhe. Não levaram nenhuma; ainda não. Entre as jovens espalhou-se a notícia de que os seus captores queriam alimentá-las bem para obterem o melhor preço possível, e que até esse momento não as venderiam, porque todas conheciam o seu destino: trabalhar no campo ou servir em casas de ricos, tal como acontecia em África. Umias aceitavam-no com resignação; outras falavam em fugir. «Para onde irias?» Kaweka prestava atenção a essas conversas. Eram apenas crianças e estavam muito longe das suas aldeias, em terra de brancos, para além do mar, encerradas e vigiadas por homens violentos e mal-encarados, mas sonhavam escapar, regressar a casa, embora nenhuma se tenha atrevido a tentar. Ela também não.

Em qualquer caso, resignadas ou rebeldes, mais conscientes do seu futuro, o choro invadia o grupo de raparigas. Nenhuma era capaz de confortar a que tinha ao lado, e à noite, quando o silêncio caía sobre o engenho e perdiam a imagem da sua companheira, da amiga que haviam feito na desgraça, os sonhos eram aterradores, e os gemidos, os estremecimentos e os gritos de desespero tornavam-se habituais.

Kaweka não era alheia ao medo e à angústia. Tinha sido uma menina feliz. O seu avô era o xamã do povoado e as pessoas respeitavam-no, tal como à sua mãe. Ela e os irmãos trabalhavam e ajudavam, e brincavam e riam como quase todas as crianças da aldeia. Até há pouco tempo era amada; se fechasse os olhos e arranhasse a memória dos seus sentidos, ainda podia sentir as carícias da mãe e os beijos dos irmãos mais novos. Tudo isso desaparecera de repente, e de forma anónima e impessoal fazia parte de um contingente de centenas de jovens desesperadas que disseminavam pânico e exaltavam a sua desgraça entre prantos e lamentos.

Nesse dia, quando os cavaleiros acederam ao pátio, Kaweka compreendeu que não se tratava de mais visitantes que queriam examiná-las. Deduziu isso porque alguns dos negreiros que deambulavam pelo engenho



destaparam a cabeça com respeito, outros aproximaram-se solícitos aos recém-chegados e um terceiro correu para avisar Florencio Ribas, que aproveitava uma sesta ao fresco, contando e recontando nos seus sonhos o dinheiro que ganharia.

— Patrão... — O homem, grande, forte, rude, espreitava pela porta do barracão onde dormia Ribas, sem se atrever a entrar. — Patrão! — gritou, vendo-se obrigado a elevar o tom de voz.

— O que se passa? Porque é que me estás a incomodar? Já disse...

— Tem uma visita, patrão — atalhou o negreiro, interrompendo as suas queixas.

— Que espere! — Mas quem esperou foi o homem, com a cabeça à espreita na ombreira. — Quem é? — acabou por perguntar Ribas perante a presença silenciosa do seu esbirro.

— É melhor vir.

Ribas saiu a resmungar para consigo, mas quando chegou à porta calou-se de repente: dom Juan José de Santadoma, marquês de Santadoma, esperava-o montado num soberbo alazão cuja pelagem avermelhada brilhava ao sol. O aristocrata não vinha de visita; também nunca o tinha feito. Trazia botas de couro com grandes esporas, calças de montar e uma simples camisa branca sem adornos. Um chapéu de aba larga protegia-o do sol. Atrás dele encontravam-se os seus homens.

À distância, Kaweka percebeu o temor que Florencio Ribas destilava enquanto se aproximava do recém-chegado, e diante dele pigarreou.

— Bom dia, senhor marquês. O que o traz por estas bandas? — perguntou, já com a voz mais clara.

— Nada de bom, Ribas — respondeu dom Juan José num tom seco e forte.

Kaweka não entendia o significado da conversa, nenhuma das setecentas meninas podia compreender, mas observou como Florencio Ribas baixava o olhar.

O marquês, detentor de uma das primeiras fortunas da ilha, não tirava os olhos de cima dele. Os Santadoma possuíam vários engenhos de açúcar, assim como minas de cobre e múltiplos interesses noutros negócios. O nobre era imponente. A sua presença irradiava poder e transmitia nobreza, elegância.

— Se sua senhoria quiser acompanhar-me ao interior — convidou-o o negreiro erguendo o olhar —, tenho a certeza de que poderemos solucionar qualquer problema que...

— Não — interrompeu-o o marquês, continuando a olhar fixamente e em silêncio para Ribas, em pé a uns passos do seu alazão.

O negreiro franziu os lábios e mexeu uma e outra vez as mãos, como que a pedir-lhe uma explicação que não se atrevia a reclamar. Esperou que o nobre falasse.

— Os teus homens roubaram-me um escravo. — Ribas ia responder, mas o marquês não lhe permitiu. — Estou farto das vossas incursões.

Ribas tinha dado instruções muito concretas aos seus homens: não queria problemas com os Santadoma, nem com qualquer outro semelhante. Ele sabia que os seus esbirros não perdiam a oportunidade de roubar algum escravo que se tivesse afastado do seu engenho; o negreiro pagava-lhes para isso e obtinha bons lucros, mas o marquês podia arruiná-lo apenas com uma ordem — Ribas suspeitava que fazia parte do grupo que financiava as suas compras —, e o facto de ter comparecido pessoalmente em vez de mandar o seu administrador ou o maioral não pressagiava nada de bom.

— Não... não pode ser — retorquiu, procurando desculpar-se.

— Roubaram, sim! — afirmou o marquês, aticando o alazão contra o negreiro.

Ribas recuou precipitadamente.

— Não — insistiu, tropeçando e quase caindo aos pés do animal. — Comprove-o sua senhoria.

— Por isso vim. E se encontrar o meu escravo...

— Se assim for — acrescentou Ribas, conseguindo colocar-se ao lado do cavalo —, não duvide, senhor marquês, de que se trataria de um erro.

Porém, dom Juan José de Santadoma já tinha voltado o cavalo em direcção aos barracões dos escravos e Florencio Ribas viu-se obrigado a correr atrás dele sem deixar de olhar para os seus homens, que lhe respondiam com falsos gestos de ignorância.

— Se se tivesse dado esse erro — repetiu aos gritos o negreiro —, estaria disposto a compensá-lo. Tenho uma remessa de escravas novas, podia escolher alguma... Olhe para elas — pediu com uma voz entrecortada.

O marquês observou durante uns instantes as escravas espalhadas pelo pátio, que se abriam em círculo à volta deles, assustadas.

— Onde estão os quilombolas? — perguntou dom Juan José.

Florencio Ribas fez um gesto a um dos seus homens e este tocou o sino. Ao fim de uns instantes, abriram-se as portas de um dos barracões e os escravos começaram a sair.

— Em fila. À minha frente — ordenou o marquês a Ribas.

Enquanto os negreiros dispunham os escravos, o seu chefe não deixava de balbuciar desculpas, com o suor a correr-lhe nas têmporas.

— Só podia ser um erro... — disse Ribas. — Como é que eu ia roubar um escravo aos Santadoma? Matarei o homem que o tiver feito. Se assim for, nesse caso... compensá-lo-ia.

O marquês nem sequer olhou para o negreiro e, quando os quilombolas estavam alinhados, dirigiu-se ao escravo que o acompanhava.

— Confirma, Domingo — ordenou-lhe.

Este não hesitou um instante. Aproximou-se da segunda fila e apontou para um homem mulato. O seu amo indicou-lhe que o separasse do grupo e só então olhou na direção de Ribas, que tinha ficado a meio de um pedido de desculpas, com a boca aberta.

— Eu... — balbuciou. — Aí tem as minhas escravas! Escolha a que lhe parecer melhor.

Sem lhe responder, o marquês passou a cavalo entre as meninas enquanto estas se afastavam atropelando-se umas às outras. Centenas de criaturas cor de chocolate, assustadas, fugindo dele. Awala não o fez; permaneceu quieta, fascinada com os movimentos do animal, cega pelo brilho avermelhado que a sua passagem irradiava. Quando o marquês se aproximou, várias das escravas arrebataram Awala, que acabou no chão. Kaweka correu em seu auxílio e posicionou-se de modo que não a pisassem até ficar sozinha com ela, aos pés do cavalo.

Kaweka não hesitou em proteger Awala, e o marquês viu-se obrigado a parar para não a pisar. Os seus olhares cruzaram-se. Kaweka não desviou o dela.

— Esta — indicou ao seu escravo, que o seguia. — Ensina-lhe maneiras.

Kaweka não entendeu as palavras, mas percebeu o rancor que destilavam. Não teve tempo de se afastar. Domingo passou à frente do seu amo, agarrou-a pelo braço e esbofeteou-a duas vezes.

— Não se olha para os brancos! — gritou, sacudindo-a.

Kaweka continuou sem entender. O escravo ergueu-a pelas axilas enquanto ela esperneava.

— Ribas — gritou o marquês para se fazer ouvir em todo o pátio —, da próxima vez serás tu quem me acompanha atado ao cavalo de um dos meus homens.

Depois voltou-se sem esperar pela resposta do negreiro, ignorando-o e obrigando-o a afastar-se. Quando o tinha deixado para trás, atçou o cavalo, com as esporas, e o animal, inquieto, altivo, tenso, respondeu com um pinote e um coice no ar que quase arrancou a cabeça de Ribas. O marquês, de costas, esboçou um sorriso quase impercetível enquanto os dois homens armados que o acompanhavam e o seguiam se desmanchavam a rir. Levavam o escravo resgatado tropeçando atrás deles, atado com uma corda comprida à sela de um dos cavalos, e Domingó puxava pelo braço de Kaweka, que lutava para se livrar dele grunhindo como um animal, com a cabeça virada a olhar para trás, para o lugar onde Awala, de joelhos na terra, clamava aos céus.

Kaweka percebeu que estavam a chegar ao seu destino quando o tom de voz do marquês se suavizou.

— *Mordaz*, lindo, o que fazes aqui? — Assim se dirigiu a um cão que apareceu no caminho a recebê-los e que rondou as patas do cavalo. — *Grapo*, lindo — disse ao outro cão que chegou depois. — Cuidado para não te pisar.

A doçura soou grotesca na boca de quem não tinha utilizado outro tom com os seus homens que não fosse seco e autoritário.

— Corram para vigiar os pretos — atçou-os no mesmo tom carinhoso.

Além dos cães, os cânticos dos escravos que Kaweka ouvira quando passavam junto aos canaviais na safra foram ganhando nitidez até que, uns metros mais à frente, conseguiu distinguir as vozes. Depois, à cantilena monótona juntou-se o estalar de chicotes, as ordens gritadas e o ruído repetitivo das catanas a cortarem canas-de-açúcar. O caminho fora longo. O escravo recuperado no engenho de Ribas caíra ao chão em várias ocasiões, incapaz de acompanhar o passo do cavalo que puxava por ele. Então, enquanto o desgraçado se levantava com dificuldade mostrando cada vez mais feridas no tronco nu, os homens a cavalo esperavam que Kaweka

e Domingo recuperassem o terreno perdido, como se se tratasse de um jogo macabro. Na primeira ocasião em que isto aconteceu, a menina lançou ao marquês um olhar inquiridor, e o seu guarda bateu-lhe várias vezes.

— Baixa os olhos! — ordenou o escravo enquanto lhe batia. Depois, obrigou-a a obedecer e baixou-lhe a cabeça à força. — Não se olha para os brancos!

A rapariga continuava sem compreender uma palavra do que lhe diziam, mas na segunda vez que o escravo titubeou e o olhar de Kaweka lhe fugiu de novo na direção do nobre, percebeu que Domingo levantava a mão e foi capaz de desviar o olhar para a terra seca do caminho antes de receber o castigo.

Aquela submissão ao homem branco, aos amos, aos seres superiores, aumentou assim que atingiram a linha de corte do canavial. Era o mesmo espaço regular de que Kaweka se lembrava de quando se dirigiam para o engenho do marquês: extensões de terra rodeadas por vedações largas, limpas e perfeitamente delineadas por filas de bananeiras que se erguiam para o céu, à beira dos limites que as separavam. Assim que o marquês apareceu na fazenda, sua propriedade, os cânticos cessaram. Também se silenciaram os gritos e os chicotes. Kaweka tentou assimilar o cenário. Centenas de homens e mulheres, negros ou mulatos (alguns ali onde se erguiam as canas, com catanas nas mãos, outros andando entre os cortadores e os carrinhos de rodas, puxados por juntas de bois, onde depositavam as plantas depois de cortadas), homens brancos armados, cães, crianças, velhos... As pessoas suspenderam as suas atividades e um silêncio pesado instalou-se. Kaweka e Domingo juntaram-se a essa quietude, que, paulatinamente, foi sendo interrompida, com os escravos a ajoelharem-se nos lugares onde se encontravam, de olhar fixo no chão.

— A sua bênção, amo! — exclamou um deles.

«Sim.» «Abençoi-nos.» «Por favor, amo.» As súplicas multiplicaram-se na boca dos escravos. Domingo fincou o seu joelho na terra e puxou Kaweka até esta o imitar. Pelo canto do olho, a menina conseguiu ver como o marquês estendia o braço direito, de mão aberta, e o passeava por cima das suas cabeças.

— Eu vos abençoo — disse, recuperando o seu tom potente, autoritário. — Que Deus, nosso Senhor, vos acompanhe e vos conceda paz.

«Obrigado.» «Bendito seja sua excelência!» «Longa vida para o marquês!» A gratidão surgiu de dezenas de gargantas, embora Kaweka tenha percebido que muitos deles permaneciam numa tensão que não conseguiam dissimular, com as bocas e os dentes cerrados.

— Bem-aventurado! — gritou Domingo, surpreendendo a rapariga.

Ainda soavam os sinais de reverência quando o marquês os interrompeu:

— Toca a trabalhar!

— Todos! — acrescentou o maioral.

— Acabou o descanso! — gritou outro dos homens brancos.

Os escravos levantaram-se.

— Que cantem, senhor Narváez — acrescentou o marquês, dirigindo-se ao maioral. — Enquanto cantam, não pensam, senhor Narváez... — lembrou-lhe, tal como costumava fazer o amo nas suas visitas. «Termine a ladainha, senhor marquês», pensou o homem pouco antes de este o fazer: — E se pensarem, não trabalham, senhor Narváez. Se pensarem, não trabalham!

«Cantem, pretos!» A ordem repetiu-se na boca de capatazes e guardas, acompanhada com o estalar dos chicotes de alguns deles. O bulício das catanadas e a azáfama de canas e ponteiros surgiam no canal ao mesmo tempo que alguém entoava um canto lúgubre. Era apenas uma voz. Kaweka, de pé, estremeceu ao ouvi-la, ainda que não entendesse o que dizia. O solista lamentava-se da pouca comida que lhes davam e da dureza do trabalho. O marquês, já a galope a caminho do engenho, voltou-se perante a queixa. As vozes de centenas de escravos a responderem ao solista, unindo-se a ele nos seus lamentos, desvaneceram-se nas costas do cavaleiro.

Antes de os cânticos clamarem por uma nova reivindicação, Domingo arrastou Kaweka até um dos carros.

— Antonia — chamou uma escrava que carregava um feixe de canas até ao carro —, esta não sabe espanhol. É lucumí como tu... ou pelo menos é isso que diz o Ribas. Diz-lhe o que tem de fazer.

A mulher descarregou as canas no carro e dirigiu-se a Kaweka.

— És ioruba? — O som da sua língua natal na voz de uma mulher mais velha transportou Kaweka de volta para a sua terra. Foi assaltada

por um clarão doloroso, a lembrança de Daye, cujo cadáver tinha virado refeição para os tubarões; a sua mãe, a proteger o pequeno; a sua família; as brincadeiras e as risotas... Antonia sacudiu-a. — Aqui não podemos perder tempo — recriminou-a com seriedade. — És ioruba?

— Sim — conseguiu responder num tom débil, derreada pela caminhada.

— Mais uma — lamentou-se. — Nesta ilha, chamam *lucumís* aos iorubas, lembra-te. — Kaweka assentiu. — Tens de ir ali, onde cortam a cana, e colocar-te em alguma dessas filas até ser a tua vez de apanhar. Depois, trazes a cana até aqui. Também é preciso apanhar os ponteiros e carregá-los nos seus carros. — Antonia começou a regressar para a frente do corte, a poucos passos de onde estavam. — Se te descuidas ou te atrasas, castigam-te. No fim da jornada, todos, menos as grávidas, têm de carregar um bom feixe de erva até ao engenho.

A mulher acabou de falar e juntou a sua voz aos cânticos que inundavam o canavial.

— Canta — ordenou-lhe quando se puseram numa das filas.

— Não sei... — tentou desculpar-se Kaweka.

— Canta! — insistiu Antonia.

A rapariga hesitou, mas acabou por cantarolar aquele ritmo monótono: um cantava e os outros respondiam. Reparou que os cortadores eram indistintamente homens e mulheres, providos de catanas para cortarem a cana na diagonal e rente à terra. Faziam-no com apenas uma catanada, seca e certa. Kaweka atrasou-se na fila a observá-los. Era tudo rotineiro, maquinal. Trabalhavam de três em três.

— Canta! — lembrou-lhe a escrava. Tinha-se esquecido.

O cortador, um homem negro forte, com o tronco nu e brilhante do suor, levantava a cana e depois sustinha-a na horizontal para que cada um dos seus colegas, nas suas costas, cortasse o ponteiro da parte superior e extraísse as folhas da planta. Kaweka viu como dividiam as longas em dois ou, inclusivamente, em três pedaços e os lançavam para um lado e o ponteiro para o outro, sem os misturar. O processo foi repetido por todas as equipas de cortadores que se moviam ao longo da frente do canavial, que retrocedia a cortes de catana. Depois de cheio, os carros iam-se embora e eram substituídos por outros vazios. Para não deixarem rastos

danificando o terreno de cultivo, cada um deles seguia um caminho diferente até acederem à estrema, de onde partiam em direção ao engenho. Velhos incapacitados e crianças entre os cinco e os oito anos vagueavam entre o canavial e os carros, a apanharem o que ficava disperso.

— Mexe-te — instigou-a em espanhol o homem que a seguia na fila. Antonia já não estava à sua frente.

Kaweka obedeceu ao empurrão que acompanhou a ordem do escravo, aproximou-se do monte de canas e pegou numas quantas como vira fazer, carregando-as sobre o ombro e virando-se na direção do carro vazio que tinha sido colocado na ponta da estrema. Nem ela reparara, nem Antonia a avisara. Quando se afastou um pouco da fila de escravos carregadores que seguiam em frente, pisou a ponta de uma cana recém-cortada que sobressaía da terra. Ao sentir que lhe atravessava a planta do pé direito como uma faca afiada, gritou de dor. Caiu por terra e as canas espalharam-se. Um dos guardas aproximou-se e fez estalar o chicote muito perto do corpo estendido no chão, enquanto ela se agarrava ao pé.

— Levanta-te!

Kaweka não conseguia. Sangrava profusamente. A dor refletia-se no seu rosto contraído, e ela cerrou os dentes para não desatar a chorar.

Os cânticos não cessaram. Os outros escravos desfilavam ao seu lado com as canas ao ombro tentando não olhar para ela.

Mais uma chicotada.

— O que se passa? — inquiriu o maioral.

— Esta... — respondeu com desdém o guarda, apontando para Kaweka com o chicote.

— É a nova — reconheceu-a Narváez, abanando a cabeça perante o sangue que jorrava por entre os dedos da menina. — O marquês escolheu-a pessoalmente. Porra! Vamos ver se vai estragar tudo logo no primeiro dia e o patrão fica chateado. Levem-na à enfermaria.

Antonia acompanhou-a até ao engenho, apoiando-a. A cada passo que dava, Kaweka era invadida por uma pontada de dor. Enquanto percorriam o caminho de regresso, foram ultrapassadas pelos carros. Narváez não permitira que Kaweka fosse em nenhum deles para que os escassos quilos que pesava não roubassem lugar à cana que carregavam.



A rapariga não foi capaz de se aperceber da magnificência do engenho La Merced, propriedade do marquês de Santadoma, no vale da Madalena, em Matanzas, uma área geográfica tão extensa como fértil da ilha de Cuba que chegava até ao mar e onde se acumulava uma imensidão de explorações açucareiras. Kaweka continuava a sangrar e estava dorida, fraca e confusa. Passaram-na diretamente para a enfermaria, situada no extremo de um dos barracões, um lugar com salas separadas para homens e mulheres, ambas cheias de doentes e incapacitados; havia outra sala para as operações e mais uma para separar os infeciosos. Ali foi recebida por um cirurgião «romancista», como eram chamados os homens que comprovavam ter trabalhado durante cinco anos como ajudantes de um médico a sério. Aquele chamava-se Cirilo, era branco, de meia-idade, carecia de estudos e nem sequer sabia ler ou escrever, mas isso pouco importava quando se tratava de cuidar de escravos. Levaram-na para a sala de operações, onde, com Antonia como intérprete, Cirilo lhe limpou a ferida com arnica dissolvida em água para posteriormente lhe aplicar um emplastro de San Andrés de la Cruz à base de resinas, terebintina e óleo de louro que servia para unir a carne cortada.

Kaweka suportou a dor do tratamento em silêncio, com o olhar fixo nas vigas de madeira do teto e envolvida pelo som dos queixumes e prantos que se ouviam na enfermaria. «É forte», reconheceu o cirurgião enquanto manipulava a ferida. Desde que o marquês a escolhera na feitoria de Ribas, Kaweka nem sequer tinha tido oportunidade de pensar; era tudo indecifrável, novo, surpreendente, urgente, violento... Uma sucessão vertiginosa de acontecimentos. Ali, apesar da dor pungente provocada pelas mãos atabalhoadas e descuidadas do homem, a sua mente encontrou a serenidade suficiente para procurar o refúgio que o seu ânimo infantil lhe exigia. «Talvez não seja sempre assim», tentou animar-se. Durante a travessia, tal como acontecera com as suas companheiras, sentiu como se quebrava o vínculo com as suas origens, que se rompeu definitivamente com a morte de Daye. Cada novo balanço do *clipper* a separava mais dos seus. Agora, depois da estadia no engenho de Ribas, parecia ter chegado ao seu destino. Instintivamente, Kaweka desviou o olhar para Antonia, que permanecia de pé. Procurou afeto naquela mulher mais velha que dizia ser da sua nação. Não pretendia mais do que um sorriso, que lhe pegasse

na mão com carinho ou que a acariciasse com ternura; conformar-se-ia com o alento afetuoso de umas palavras de ânimo sussurradas ao ouvido, mas Antonia estava distraída a mexer em frascos e remédios. Kaweka quis chamar a sua atenção quando o cirurgião, talvez incomodado pela força de uma menina recém-chegada de África, lhe apertou fortemente a ferida fazendo com que a criança gritasse de dor.

— Não tenho camas livres na sala das mulheres — afirmou Cirilo ao terminar de ligar o pé. — Estão todas ocupadas por duas ou até por três doentes. A safra está a ser muito dura este ano — pensou ser necessário acrescentar. Antonia encolheu os ombros. — A menina é jovem e por esta lesão também não necessita de uma cama. Que fique no criouleiro uns dias, assim ajudará a mamã Ambrosia.

Parca em palavras, Antonia explicou a Kaweka a decisão do cirurgião enquanto atravessavam a enfermaria e acediam a um local anexo onde se amontoavam cerca de vinte crianças. Algumas eram recém-nascidas, depositados sobre a palha num estrado de madeira que ocupava toda a superfície coberta, enquanto as outras, de diferentes idades, mas abaixo dos cinco anos, idade em que as mandavam ir trabalhar, gatinhavam ou corriam nuas de um lado para o outro num pátio exterior cercado. Junto delas estavam duas mães que ainda não tinham passado a quarentena desde o parto.

— Ajudar-me? — queixou-se mamã Ambrosia, examinando Kaweka de cima a baixo. — Estas boçais recém-chegadas não sabem fazer nada. E, além disso, ferida. Mais trabalho!

Antonia voltou a encolher os ombros.

— Dás-me um pouco de arroz? — perguntou mesmo assim, indicando com o queixo os armários onde se armazenava a comida especial para mães e crianças.

A criouleira, uma mulher já mais velha que outrora devia ter tido um corpo exuberante, como se percebia pelas carnes que agora descaíam, considerou durante uns segundos o pedido de Antonia.

— Uma tigela a troco de verificares as nígvas dos miúdos. — A outra concordou. — De onde é a boçal? — perguntou quando Antonia já se dirigia para o pátio.

— Lucumí — respondeu esta sem se voltar.

— Já imaginava — murmurou mamã Ambrosia, mostrando pela primeira vez um sorriso ao qual faltavam alguns dentes. — A mim também me trouxeram de lá — comentou já em língua ioruba, dirigindo-se a Kaweka —, tal como a ela — acrescentou, apontando para Antonia, que já tinha agarrado uma menina e lhe inspecionava a planta dos pés à procura daqueles insetos insuportáveis e irritantes que se introduziam debaixo da pele, onde desovavam e cresciam.

Kaweka percebeu que, perante a sua presença, a mulher retrocedia no tempo. Por breves instantes, os seus olhos brilharam; depois abanou a cabeça para afugentar umas lembranças felizes que não pareciam ter cabimento no engenho do marquês e voltou à realidade.

— Cruel — limitou-se a comentar para si própria. — Vem, pequena — instigou-a depois, agarrando-a pelo ombro com suavidade. — Senta-te com as crianças e descansa. Depois dou-te uma boa comida.

Kaweka agradeceu aquele contacto reconfortante ainda mais do que a bolacha que a mulher lhe ofereceu, que mordeu de imediato. Saboreou a sua doçura enquanto olhava para as crianças e ouvia uma sinfonia de choros que faziam parte do ambiente; ninguém se preocupava com eles.

— Todos estes crioulinhos — explicou-lhe mamã Ambrosia depois, apontando para os mais pequenos — esperam que as mães regressem do campo para lhes darem o seu leite. Não devem demorar. Os mais velhos, esses a quem a Antonia está a limpar os pés... — A criouleira parou; Kaweka tinha o olhar fixo num recém-nascido, afastado dos outros, de movimentos lânguidos e que choramingava sem força sobre a palha. Mamã Ambrosia estalou a língua e agachou-se junto dela. — Esse é o Jacinto — comentou —, o filho da María de la Luz. Sofre de tétano. O mal dos sete dias, como lhe chamam os espanhóis. Morrerá. Só estamos à espera... Há muitos que morrem da mesma doença. Se sobreviverem aos primeiros sete dias de vida, podem escapar; caso contrário...

Kaweka ignorou o discurso de mamã Ambrosia. Não sabia se era devido a esse mal dos sete dias de que ela lhe estava a falar, mas já tinha visto antes vários daqueles recém-nascidos. Traziam-nos à cabana onde viviam quando ficavam doentes e a sua mãe deixava-a embalá-los depois de ter utilizado plantas e ervas e ter recorrido aos deuses em busca de uma cura para eles. «Olodumaré decide a vida e a morte», contava-lhe

o avô. «E o que é que acontece aos meninos se não se salvarem?», perguntara ela. «Os que morrerem deixar-nos-ão e vaguearão como espíritos entre os dois mundos, e teremos de lhes prestar culto como se fossem deuses, para nos ajudarem e não se zangarem.»

Com a memória da sua terra ainda presente na mente, a menina gatinhou até onde se encontrava Jacinto. O umbigo do bebé, ao contrário do que acontecia com os outros que se encontravam com as suas mães, estava destapado e parecia estar infetado. A menina aproximou um dedo da ferida: tumefacta, embora húmida.

— É por isso que morrem, sim — disse a criouleira nas suas costas. — Curamo-los com teias de aranha e atamos-lhes o cordão com... — a mulher não encontrou a tradução para o ioruba do termo «pavio» —, bom, com a mesma corda que se usa nas candeias. Mas há muitos que não aguentam, muitos — concluiu, refletindo.

Sem pedir autorização, Kaweka pegou numa mão do menino, levantou a camisa e apertou-o ventre contra ventre como fazia a mãe, como fazia ela, e cantarolou ao mesmo tempo que começava a balançar. Não tinha nenhum dos rituais prévios que faziam a mãe ou o avô, mas o tom veio-lhe à mente com a mesma intensidade como se se encontrasse rodeada pelos seus, em África. Imitou-a e iniciou aquele movimento de vaivém, para a frente e para trás.

— Há dois dias que não mama, minha menina — disse a criouleira, agachando-se junto dela e acariciando-lhe o cabelo. — Tem a mandíbula rígida. Como vês, nem sequer abre a boca. Só temos de esperar...

Mas Kaweka balançava-o e cantarolava, alheia às palavras da mulher, às corridas das outras crianças e ao ruído do engenho. Não estava ali, agora encontrava-se muito longe: na sua terra, com a mãe e o avô... e Daye. Mamã Ambrosia observou-a com perplexidade. *Parece... Não, não pode ser*, disse para consigo, rejeitando os seus próprios pensamentos. *É demasiado pequena*. Deixou-a ali para se dedicar às suas tarefas; em breve teria de dar de comer às crianças. Deu de caras com Antonia, que esperava a sua recompensa depois de desparasitar os crioulos e lhes limpar as feridas com aguarrás. Mamã Ambrosia apercebeu-se de que a escrava hesitava entre olhar ou não para Kaweka, sozinha num dos lados do sobrado, balançando com um ritmo inquietante, mágico... A criouleira despediu-se dela rapidamente com o seu arroz e entregou-se ao trabalho, de olhos postos

na pequena Kaweka. Limpou as crianças, cozinhou e deu-lhes de comer e de beber. As mães da safra chegaram antes dos outros escravos e aproximaram os mais pequenos dos seus peitos. María de la Luz interrogou a criouleira quando se apercebeu de que era o seu filho quem estava a ser embalado por aquela menina com o pé ligado.

— Deixa-a — pediu-lhe mamã Ambrosia. — Não faz mal a ninguém. Foi um dia muito duro para ela. Acaba de chegar e está triste e confusa.

A noite trouxe o alvoroço da faina e contrafaina, como chamavam ao turno que começava à meia-noite. O engenho iluminou-se com tochas e fogos. A cana tinha de ser moída imediatamente depois do corte; caso contrário, perdia propriedades e a qualidade do açúcar decrescia. Os sinos tocavam para chamar escravos para um ou outro edifício: ao trapiche, à casa das caldeiras ou à de purgas. Cana, lenha para o fogo, bagaço, garapa... transportava-se tudo de um lado para o outro. O trabalho era extenuante. Cantos forçados dos escravos por entre ordens e o estalar dos chicotes. Homens que caíam ao chão, derrotados, de puro sono e cansaço. O movimento não cessava numa noite densa que parecia encarcerar aqueles homens e mulheres abandonados pela fortuna.

Indiferentes ao alvoroço, num criouleiro dormiam mães e crianças, todos no mesmo sobrado, junto ao chão, para evitar a queda dos bebés. Apenas mamã Ambrosia e Kaweka se mantinham acordadas; a primeira, com o olhar atento; a segunda, ainda a embalar Jacinto, cada vez com menos intensidade, lentamente, a desfalecer. De madrugada, porém, quando mamã Ambrosia pensava que a menina iria desfalecer, viu-a tremer. A luz intermitente das tochas envolveu umas convulsões que foram aumentando. Um calafrio incontrolável percorreu o corpo da criouleira. Kaweka parecia sufocar, até que deitou a cabeça para trás e emitiu um gemido gutural que se confundiu com o bulfício. Mamã Ambrosia benzeu-se e Kaweka apertou o menino contra si. Mamã Ambrosia benzeu-se de novo. Kaweka levantou o menino e ofereceu-o à escuridão. Depois caiu.

Ao amanhecer, quando os sinos tocaram a ave-maria para marcar o início dos trabalhos no campo, Kaweka levantou-se e mostrou o menino a mamã Ambrosia. A criouleira sabia que os dois estavam vivos; tinha-o comprovado depois de a rapariga ter colapsado.

— Toma, leva o teu filho — disse à mãe do pequeno depois de esta, admirada, se ter aproximado delas.

A infeção no cordão umbilical parecia manter-se, mas o bebé abria a boca; a rigidez das mandíbulas desaparecera. Podia mamar, queria fazê-lo, reclamava-o. Mãe e criouleira olharam-se atónitas. Nenhum menino no estado de Jacinto tinha conseguido sobreviver até então!

— O quê...! — exclamou María de la Luz depois de um instante de incredulidade.

Kaweka sorriu-lhe com inocência. Mamã Ambrosia abanou a cabeça e comprimiu os lábios num gesto de resignação. A mãe, negra, com cerca de vinte anos, falou em espanhol, pelo que Kaweka apenas conseguiu perceber o que ela sentia.

— Quem és tu para o curar! — recriminou-a. — O Jacinto ia morrer, entendes? Ia ser livre. Ninguém o iria explorar — disse por entre dentes, dando à menina um empurrão no peito com a mão livre. — Que direito tinhas tu? — acrescentou, dando-lhe um segundo empurrão.

Kaweka recuou, com os olhos abertos à procura de uma explicação para a atitude violenta daquela mulher. María de la Luz preparava-se para lhe dar um terceiro encontrão, mas a criouleira impediu-a.

— Ter-se-ia tornado um espírito livre dos chicotes e dos brancos — continuou a mãe, desesperada, com a voz quebrada, mostrando o seu bebé como se fosse um simples objeto. — É preferível morrer a viver aqui um dia... Um só dia! O meu menino merecia morrer!

**Um romance deslumbrante sobre duas mulheres corajosas que lutarão, cada uma com as suas armas, contra o racismo e a injustiça, escrito pelo mais importante autor espanhol de romances históricos da atualidade**

CUBA, MEADOS DO SÉCULO XIX. Um navio com uma carga sinistra aporta na praia de Jibacoa, em Cuba. Mais de setecentas mulheres e meninas sequestradas da sua África natal chegam para trabalhar, até à exaustão, nos canaviais e dar à luz crianças que também serão escravas. Kaweka é uma delas, uma menina de onze anos que viverá em primeira mão o horror da escravidão na fazenda do cruel Marquês de Santadoma, uma injustiça contra a qual se insurgirá, pois a única escravidão a que Kaweka está disposta a submeter-se é a da luta pela liberdade.

MADRID, ÉPOCA ATUAL. Lita, uma jovem mulata, é filha de Concepción, a mulher que serviu toda a sua vida na casa do Marquês de Santadoma. Apesar de ter estudos e uma forte ambição profissional, a insegurança no emprego obriga Lita a recorrer aos todo-poderosos Santadoma em busca de uma oportunidade no banco do marquês. Ao mergulhar nas finanças da empresa e no passado dessa família abastada, a jovem descobre a origem da sua fortuna e decide travar uma batalha judicial em prol da dignidade e da justiça que a sua mãe e todas as mulheres que deram as suas vidas ao serviço de homens brancos que nunca as trataram como iguais merecem.

**Uma homenagem ao papel das mulheres na sua luta por justiça e liberdade**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897871726



9 789897 871726 >